

O gesto que salva.
Pérola Byington e a Cruzada Pró-Infância

[MOTT, Maria Lucia; BYINGTON, Maria Elisa Botelho; ALVES, Olga Sofia Fabergé. São Paulo: Grifo Projetos Históricos e Editoriais, 2005. 189p.]

Cristiane Pessoa da Cunha Lacaz*

O livro em questão conta a história de Pérola Byington e sua atuação frente à Cruzada Pró-Infância, entidade que ela dirigiu por mais de 30 anos e cuja trajetória está associada à história da assistência educacional, sanitária e médica de mães e crianças em São Paulo.

A pesquisa foi iniciada por Maria Elisa Botelho Byington, neta de Pérola, e concluída por Maria Lúcia Mott e Olga Sofia Fabergé Alves, ambas pesquisadoras do Instituto de Saúde – SESSP.

Ao levantar o material para biografia de Pérola Byington, as autoras valeram-se de diversas fontes, como por exemplo, as crônicas de Judith McKnight Jones, historiadora dos imigrantes americanos que escolheu Pérola para patrona em seu discurso de posse no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo; pesquisas de Betty Oliveira sobre os primeiros batistas no Brasil, incluindo aí as famílias Ellis e Strong, antepassados de Pérola. Outras fontes declaradas foram as contribuições de Nelly Candeias – em sua *Memória Histórica dos 50 anos da Faculdade de Saúde Pública*, e, também, de Maria Lucia Hilodorf – na sua tese de mestrado sobre as *Escolas Protestantes na Província de São Paulo*.

Mary Elizabeth Ellis, a mãe de Pérola, chegou ao Brasil aos nove anos de idade, vinda dos Estados Unidos, para juntar-se ao avô, Henry Strong, que se instalara pouco tempo antes em Santa Bárbara d'Oeste.

Estudou no Colégio Internacional de Campinas, onde conheceu o futuro marido, Robert Dickson McIntyre, nascido também nos Estados Unidos. O casamento de Mary e Robert realizou-se no dia 22 de maio de 1878.

Posteriormente, o casal mudou-se para Jundiá e depois para Piracicaba, onde Mary foi admitida como professora no Colégio Piracicabano, conhecido pelas

* Enfermeira, doutoranda da Faculdade de Educação da Unicamp. Professora Assistente do DEMI/EAN/UFRJ, com lotação provisória na Escola de Especialistas da Aeronáutica (EEAR). cristianelacaz@uol.com.br

idéias inovadoras sobre educação, além da criação do *Kindergarten*, o jardim-de-infância que procurava desenvolver a educação dos sentidos das crianças dos quatro aos sete anos de idade.

Nessa época o casal já tinha três filhas: Pearl (que mais tarde adotaria o nome de Pérola), Mary e Lillian.

Em 1891, a família estava em Campinas, onde inauguraram o Ginásio Progresso Brasileiro.

Em razão da epidemia de febre amarela, a família deixou Campinas, dirigindo-se primeiro para Mogi Mirim, depois para Bagagem, em Minas Gerais, passando também por Taubaté, em São Paulo.

Pérola nasceu no dia três de dezembro de 1879, na Fazenda Barrocão, em Santa Bárbara d'Oeste. Aos catorze anos, completou os preparatórios para a Escola Normal, sendo impedida de realizar a matrícula, pois a idade mínima exigida era de dezesseis anos. Recebeu então aulas particulares, menos as de latim, que aconteciam em uma escola masculina, onde Pérola ficava atrás de um biombo "para não atrapalhar a aula do professor".

Em 1897, Pérola fez os preparatórios no Curso Anexo da Academia de Direito de São Paulo, não foi aprovada no exame de geografia e também não foi bem recebida pelos acadêmicos, que não eram favoráveis à abertura do curso para o sexo feminino.

Pérola terminou o curso normal em 1899 e casou-se com Albert Jackson Byington em 4 de julho em 1901, instalando-se em Sorocaba e posteriormente em Campinas.

Os capítulos seguem mostrando aos leitores a viagem de Pérola aos Estados Unidos, em 1912, já com dois filhos, onde tomou parte em campanhas para angariar fundos para instituições de proteção à infância e dirigiu uma das seções da Cruz Vermelha. Na década de 20, retornaram ao Brasil e encontraram em São Paulo um acelerado desenvolvimento urbano, industrial, comercial e cultural, onde se acentuavam também as diferenças econômicas e sociais, principalmente no que diz respeito às condições de trabalho, de moradia e de saúde.

O texto registra os nomes de algumas mulheres que tiveram um papel fundamental na criação, organização, administração e manutenção de entidades assistenciais no Brasil, como Genebra de Barros, da Maternidade de São Paulo; Anália Franco, da Associação Feminina Beneficente; Maria Rennotte, da Cruz Vermelha; Alice Tibiriçá, fundadora da Sociedade de Assistência aos Lázarus e Defesa contra a Lepra, entre outras.

Existe, ao longo da obra, um destaque importante para Maria Antonieta de Castro que, ao lado de Pérola, planejou e desenvolveu a obra da Cruzada Pró-Infância.

Em 1930, Maria Antonieta já era reconhecida pela atuação como professora, escritora e educadora sanitária. Nascida em Itapetininga, no interior paulista, formou-se professora e em 1924 foi convidada pelo Professor Pedro Voss, diretor-geral da Instrução Pública, a integrar o primeiro grupo de quinze professoras que fariam o curso de educadoras sanitárias do antigo Instituto de Higiene, criado por Geraldo Horácio de Paula Souza.

Em 1927, Maria Antonieta obteve seu diploma de educadora sanitária e começou a trabalhar ativamente, sobretudo no campo de higiene escolar. Por seu desempenho, atuou em cargos de chefia no Serviço Sanitário e no Instituto de Higiene. Para difundir as práticas de higiene entre as crianças, teve um programa no rádio e uma coluna no jornal. Ganhou prêmios na área de literatura, participou de congressos de higiene, educação e eugenia. Em 1929, dirigiu a campanha contra a febre amarela no interior de São Paulo. Fundou a Associação das Educadoras Sanitárias, da qual se tornou a primeira presidente.

Maria Antonieta de Castro foi apresentada a Pérola Byington pela educadora Mary Junqueira e imediatamente pensaram em uma campanha em prol da criança, culminando, em 12 de agosto de 1930, com a criação da Cruzada Pró-Infância, que a princípio visava complementar a atuação das educadoras sanitárias. Durante cerca de seis meses, a entidade funcionou ligada à Associação de Educação Sanitária e passou a ter personalidade jurídica autônoma em 22 de janeiro de 1931.

Maria Antonieta e Pérola tiveram um papel fundamental na organização inicial da entidade e no planejamento de metas. Pérola trouxe a experiência adquirida na Cruz Vermelha americana e brasileira, além da boa relação com as elites e os meios de comunicação. Recebendo, em 1947, o título de Membro Honorário da Sociedade Brasileira de Pediatria, sendo a única não-pediatra, até aquela data, a receber tal honraria. Maria Antonieta trouxe o apoio e a experiência adquirida no Instituto de Higiene e no Grupo de sanitaristas liderados por Paula Souza e Waldomiro de Oliveira.

Nos registros encontramos relatos sobre os Cursos de Puericultura, a Escola de Saúde e os Concursos de Robustez que ficavam sob a responsabilidade de Maria Antonieta. Já a Casa Maternal, o Lactário, a defesa do salário-maternidade, a educação sexual e a construção de um hospital infantil eram propostas defendidas por Pérola.

Foi a Cruzada que planejou a comemoração do Dia da Criança, sugerido durante o Primeiro Congresso de Proteção à Infância, em 1922, além da organização de vários eventos e campanhas relevantes para a saúde da criança, como por exemplo, o I e II Simpósios Pró-Infância.

Com a morte de Pérola Byington no final de 1963, Maria Antonieta de Castro assumiu o cargo de Diretora Geral da Cruzada Pró-Infância.

A luta contra a mortalidade infantil e a defesa dos direitos das crianças foram prioridades da Cruzada Pró-Infância. A assistência social, a educação sanitária, a educação e os cuidados infantis foram, até meados dos anos 50, os setores privilegiados; a partir da construção do hospital infantil, posteriormente denominado Hospital Pérola Byington, iniciou-se uma preocupação maior com o aspecto curativo.

Após a morte de Maria Antonieta de Castro, em 1984, a Cruzada passou por algumas modificações, principalmente por motivos financeiros, culminando com o arrendamento do Hospital ao Governo do Estado, em 1989, onde a entidade se voltou exclusivamente para a educação e os cuidados infantis, especialmente no que diz respeito às creches e abrigos.

A pesquisa nos possibilita refletir sobre questões que marcaram o movimento higienista em São Paulo, com reflexos em outras regiões do País. Os dados apresentados nos remetem a uma leitura interessante, rica em informações relevantes para estudos de um período tão peculiar, deixando marcas que podemos facilmente encontrar ainda nos dias atuais.

Recebido em 27 de setembro de 2005 e aprovado em 03 de novembro de 2005.